

38º - JULGAMENTOS

1ª Coríntios 5.12,13 *“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”.*

Julgar é decidir como juiz ou árbitro. É formar juízo crítico ou tecer uma opinião crítica sobre outra pessoa. Ser julgado é desagradável, desconfortável e, na maioria dos casos, é humilhante.

Um dos problemas sérios da igreja é o julgamento alheio. Nem sempre o julgamento é justo e por isso é que ele tem trazido tantos prejuízos aos relacionamentos, à Igreja e ao crescimento do Reino de Deus.

Uma orientação simples para os membros da igreja é: Não seja o juiz do teu próximo. Você não é juiz e não foi escolhido por Deus para esse cargo. Julgar é uma tarefa difícil que sempre traz tristeza para ambos os lados.

Como pastor e presidente de um Conselho, e como autoridade da Igreja, às vezes nos vemos diante da tarefa de julgar e condenar. Toda condenação é penosa a quem recebe a pena e muito desconfortante para quem condena. O problema é que mesmo sendo penoso, se o réu é culpado, não nos resta alternativa a não ser julgar e condenar.

Há na Igreja um tribunal com autoridade para julgar: O Conselho. Todas as causas devem ser levadas a ele para que julgue de acordo com a vontade de Deus. Deixe que ele faça o julgamento. Isso é o correto a se fazer.

Mateus 7.1-5, diz: *“Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Porque vês tu o argueiro no olho do teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás ao teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e, então verás claramente para tirar o argueiro do olho do teu irmão”.*

Falaremos sobre: **JULGAMENTOS**.

Sabemos que os julgamentos são necessários, porém há que se entender as suas regras. Nem todos podem julgar e, também, não são a todos que podemos julgar.

Sobre julgamentos o texto nos ensina que: **NÃO É TAREFA DA IGREJA JULGAR INCRÉDULOS** – *“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Os de fora, porém, Deus os julgará”*.

Desde o início da humanidade o homem conheceu a Deus. Todo homem, quer seja pobre ou rico, instruído ou analfabeto, sabe da existência de Deus e da Sua justiça. Todos temos um alerta natural, deixado por Deus, para nos avisar dos erros que estamos prestes a cometer. O crente é habitado pelo Espírito Santo que lhe dá um aviso claro, porém os incrédulos, que não têm o Espírito Santo, possuem apenas a consciência. Ela os avisa do erro e por isso todos os homens sabem se estão fazendo algo errado ou certo.

Deus revela ao homem o que é pecado. Cabe ao homem deixar de fazer as coisas que ofende a Deus. Todo pecado cometido pelos homens merece castigo. Do modo como todo crime tem de ser punido, também todo o pecado deve ser punido e o pecador tem de se reconhecer como ofensor da santidade de Deus.

Os cristãos têm o conhecimento de Deus e de Seu Filho enviado para salvar os homens. Aprendemos os caminhos que agradam a Deus e procuramos trilhá-los. Acontece que os incrédulos, por natureza, andam distantes de Deus e dos Seus caminhos. Eles não seguem a ética cristã e não têm sobre eles quem os direcionam e lhes aplique a punição, quando erram, para que se corrijam. Eles vivem como que sem lei, mesmo sendo conhecedores leigos de uma lei maior que fala à sua consciência e os induz a fazer o que é correto.

Como se sentem livres, os incrédulos não obedecem à sua consciência e agem contra ela. Por isso os incrédulos precisam ser julgados. Eles precisam pagar pelas ofensas que fizeram a Deus. A questão é: Quem os julgará? Cabe a Igreja julgá-los? A resposta é: Não! No decorrer do estudo vocês entenderão o porquê de a Igreja não poder julgar os incrédulos.

Paulo estava diante de uma igreja problemática que estava vivendo igual ou pior que incrédulos. Os coríntios viviam uma situação de pecado e não estavam punindo o pecador e, muito menos, se lamentando pelo fato de um pecado tão grave estar sendo cometido em sua igreja. Por isso Paulo disse: *“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora?”*

Se a igreja está vivendo igual ao mundo como dizer ao mundo que ele está errado? Pastores são prejudicados em sua autoridade quando cristãos vivem como o mundo. Cristo deixou a igreja como despenseira de Sua graça e luz para o mundo pervertido. Como falar de obediência a Deus, de zelo e ética cristã a um povo morto se o povo que deveria estar vivo está vivendo em desobediência?

Um dia estava evangelizando uma pessoa que pertencia a uma seita. Falei-lhe sobre Cristo, sobre o amor dEle pela Igreja e do amor que a Igreja devia demonstrar a Deus e ao próximo. Para o meu espanto e tristeza, ele me disse: *“Pastor tudo isso que o senhor está dizendo é muito bonito, mas não passa de palavras e ilusão. Os evangélicos não vivem isso!”*

Diante dessas palavras fiquei desconcertado. Como falar de transformação e de mudança no modo de viver, da necessidade de conversão e de um novo nascimento se aqueles que dizem ter nascido de novo estão vivendo como os perdidos do mundo? É por isso que Paulo disse: *“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora?”*

Com que autoridade o pastor ou os evangelistas vão condenar o pecado do mundo se a própria Igreja está corrompida? Como ser duro contra o pecado do mundo se o mesmo pecado é praticado pela Igreja? Se o pecador ouvir a mensagem do pregador e for trazido à igreja e ao chegar ele ver tudo igual a sua antiga vida no mundo, que mudança ele terá? Para se ter direito de julgar o mundo a Igreja precisa viver de modo irrepreensível.

Jesus disse aos fariseus e escribas: *“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filhos do inferno duas vezes mais do que vós!”*

O que adianta as ações evangelísticas se o convertido não encontrar um ambiente santo para recebê-lo dentro da Igreja? É imprescindível que a Igreja atual também se desperte para essa realidade. O novo convertido tem de ser recebido numa igreja que vá colaborar com o seu processo de santidade.

Esse versículo pode ser traduzido de maneiras diferente. Veja algumas outras traduções que encontrei: *“Pois que tenho eu a fazer julgamento dos que estão de fora?”* *“Pois, o que tenho eu que ver com o julgamento dos de fora?”* *“Pois que me importa julgar os que estão de fora?”* Essas traduções deram uma luz ao meu entendimento.

Paulo está cobrando dos coríntios uma atitude séria diante de um pecado grave. O que parece é que alguém teria dito algo assim: *“Eu fiz isso porque todo mundo faz”*. Todo mundo pode errar, mas os crentes não. O crente tem de ser luz para o mundo. Tem de ser o paradigma que o mundo precisa para conseguir acertar sua vida. Não é permitido à Igreja fazer algo errado porque alguém do mundo erra daquela maneira. O erro do mundo não justifica o erro do crente.

Diante disso Paulo se posicionou mostrando que não é papel da Igreja julgar as pessoas do mundo. Paulo mesmo disse que ele, como pastor, não tinha o dever de tecer julgamento sobre a vida dos incrédulos. Esta não era sua obrigação.

Os apóstolos Tiago e João fizeram o seu julgamento particular dos samaritanos e desejaram fazer o papel de juízes ao condená-los porque rejeitaram a Cristo. Em Lucas 9.51-56, está registrada esta história que contaremos de forma resumida: *“Indo eles, entraram numa aldeia dos samaritanos para lhe preparar pousada. Mas não o receberam... vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? Jesus, porém, voltando-se os repreendeu e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E seguiram para outra aldeia”*.

Esse texto é claro em mostrar que os discípulos de Jesus não receberam autorização Sua para julgar e condenar os incrédulos. Não há dúvida de que a Igreja nunca recebeu de Deus a incumbência de fazer juízo sobre os incrédulos. Essa incumbência é exclusiva de Deus. Por isso o texto diz: *“Os de fora, porém, Deus os julgará”*.

Qual é, então, o papel da Igreja em relação ao mundo? Jesus não mandou os Seus discípulos trazer o castigo ou fazer juízo sobre o mundo. A ordem de Jesus foi que Sua Igreja pregasse o *“Evangelho”* e o evangelho é a mensagem de salvação gratuita, onde o Ser justo morreu para salvar pecadores.

A mensagem da vinda de Cristo, a descrição dos horrores do fim e a cobrança para que estejam alertas e santificados foi dirigida a crentes e cobrada da Igreja e não dos incrédulos.

Os primeiros crentes oravam dizendo: “*Maranata*”, que quer dizer: “*Ora vem Senhor Jesus!*” Nenhum incrédulo oraria assim, porque a vinda de Cristo lhe parece um absurdo. Eles imaginam que essa seja uma estória fantasiosa criada por fanáticos religiosos. A mensagem de juízo também lhes é absurda.

Para o crente a mensagem sobre o juízo de Deus o leva a viver uma vida santa, porém a mesma mensagem leva o incrédulo a se afastar de Deus. Se é que desejamos aproximar os incrédulos de Deus temos que rever o que estamos ensinando a eles.

Por que não é interessante pregar ao mundo apenas mensagens de juízo? Listei alguns itens, veja-os:

a. *Porque ninguém se converte por medo do castigo.* É o amor de Cristo que nos constrange a segui-lo. O medo repele, enquanto o amor une e atrai. O homem que se aproxima de Cristo apenas por que tem medo do castigo, mais cedo ou mais tarde o abandonará. Basta se acostumar com a mensagem dura e ele perderá o medo. Perdendo o medo ele voltará para o mesmo lugar de onde veio. Essa é uma das razões de existir tantas pessoas “*Desviadas*”. Tentaram ser crentes apenas por medo.

b. *Porque as pessoas sem Cristo não tem capacidade de entender e apreender a mensagem de juízo.* Para eles as doenças e problemas enfrentados nessa vida são vistos como penalidades e como o inferno na terra. Eles desprezam a ideia de outro julgamento pior e mais intenso. Sua falta de entendimento os impede de ver a verdade e de temer o juízo de Deus.

c. *Porque eles não aceitam a Palavra de Deus como verdade.* Nenhum outro livro é tão combatido como a Bíblia. Os escritos dos primeiros filósofos são aceitos pelos estudantes de filosofia como as palavras fiéis dos filósofos, apesar do fato de que as cópias que se tem sobre seus ensinamentos serem de mais de 1.200 anos após a morte deles.

A Bíblia é o livro que mais tem cópias próximas ao tempo de sua escrita e mesmo assim muitos a questionam. O mundo procura erros na Bíblia e afirmam que ela foi escrita por homens e não merece sua atenção. Como é a Palavra de Deus que traz a mensagem de Deus, enquanto o mundo não estuda a Bíblia com respeito e vendo nela a autoridade espiritual que ela tem eles não darão crédito à sua mensagem.

d. Porque eles estão cegos e surdos para a mensagem salvadora. Jesus contou a parábola do Semeador e seus discípulos o interrogaram sobre o seu significado. Jesus lhes deu as respostas que pediram, porém não deu as mesmas explicações aos demais ouvintes para que não ouvissem, cressem e fossem salvos. O diabo cegou o seu entendimento e fechou os seus ouvidos para não ouvirem a verdade. Os cegos e surdos do mundo não poderão entender a verdade bíblica, a menos que seus ouvidos sejam abertos por Deus.

2ª Coríntios 4.4, diz: “O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Enquanto estiverem cegos não temerão e não se assustarão com o horror que haverá no dia em que Deus trazer o Seu juízo sobre a terra.

e. Porque somente após crer em Jesus, como Salvador, é que o homem é habilitado a entender o peso do juízo de Deus. Imagine-se falando a um prisioneiro condenado à prisão perpétua que sua pena será aumentada. Ele não tem perspectiva nenhuma de liberdade e sabe que vai morrer preso. Ter a sua pena aumentada por causa de um novo crime não lhe fará a mínima diferença.

Assim acontece com os incrédulos. Eles não têm esperanças, pois sabem que estão irremediavelmente perdidos. A menos que eles conheçam a verdade e tomem posse da liberdade que Cristo lhes oferece, qualquer mensagem de castigo lhes será inútil. O juízo não vai mudar o seu comportamento.

Mas se o incrédulo conhecer a salvação oferecida por Jesus e tomar posse dela, a ideia de perder a liberdade que conquistou em Cristo ou de enfrentar qualquer novo julgamento, depois de ser perdoado por Jesus, lhe parecerá terrível. É o que Paulo ensina em 2ª Coríntios 3.16 - “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado”. A conversão do pecador muda a sua perspectiva de vida terrena e eterna. Somente após a sua conversão é que ele dará o devido crédito à mensagem do juízo de Deus.

Diante dessa realidade Paulo diz aos coríntios que o seu papel e o papel da Igreja não é julgar o mundo. Em outras cartas Paulo já tinha mostrado que a tarefa da Igreja em relação ao mundo é proclamar o evangelho usando a

Palavra de Deus, pois as pessoas seriam salvas após ouvir e crer no Salvador que ela apresenta. Uma vez tendo crido na Palavra de Deus a própria pessoa começará a se julgar e a buscar um caminho santo para trilhar.

O papel da Igreja é proclamar o evangelho. Dizer ao pecador que ele vai para o inferno não lhe será novidade e não lhe interessará. O Pecador precisa de esperança e não de julgamento.

Podemos retirar do texto outro argumento a respeito de julgamentos. Veja: **É TAREFA DA IGREJA JULGAR A SI MESMA E AOS SEUS MEMBROS** - *“Não julgais vós os de dentro?”*

Temos vivenciado tempos de CPIs no Congresso Nacional. Os deputados passam mais tempo envolvidos com as falcatruas dos seus colegas do que cuidando dos interesses nacionais. Numa dessas CPIs o resultado foi vergonhoso. A CPI do Mensalão apurou o envolvimento de muitos políticos com um esquema de corrupção. O dever dos deputados era caçar o mandato de todos os envolvidos, porém, muitos deles saíram ilesos de qualquer punição. Foram protegidos por seus colegas. Há outras CPIs, mas como eles não foram justos no primeiro julgamento a população brasileira não espera muita coisa dessas CPIs. Esperam que *“tudo acabe em pizza”*.

Por que o Congresso Nacional caiu em descrédito? Porque foram complacentes com os corruptos. Deram mais crédito à amizade e a interesses políticos do que à justiça. Deixaram de condenar os culpados quando sua obrigação era condená-los. Por isso o número de pessoas que não votaria nas próximas eleições, se o voto não fosse obrigatório, é muito grande.

Com a Igreja não é diferente. A Igreja tem o dever de julgar-se a si mesma e condenar os infratores da lei de Deus. Os membros da Igreja devem ser julgados pela própria Igreja e condenados os que merecerem condenação. Quando o julgamento e a condenação não acontecem e algum membro da Igreja, que vive no pecado, é deixado impune, sem ser julgado e condenado, os prejuízos que a Igreja sofre são inomináveis, visto que tanto a própria Igreja como o mundo serão prejudicados por esse ato.

Os membros da Igreja se agregaram a ela por ser ela um porto seguro para sua alma. Ela tem de exigir que se purifiquem. Se pecados forem tolerados os membros se desanimarão e perceberão que o hospital da alma não vai curar suas feridas.

Do mesmo modo, os pecadores do mundo ao perceberem que os crentes estão vivendo como eles ficarão sem o referencial de justiça e santidade de que necessitam. A luz que deveria iluminá-los se apaga e eles se perderão ainda mais na escuridão que vivem.

Acabamos de dizer que Cabe à igreja julgar-se a si mesma e aos seus membros. Baseamo-nos no que Paulo disse: *“Não julgais vós os de dentro?”* Paulo trabalha com a ideia de que a Igreja de Corinto devia fazer o julgamento de seus membros. No capítulo posterior ele até faz uma cobrança dura no sentido de que a Igreja não podia confiar o julgamento de suas causas a incrédulos expondo-se a tribunais dirigidos por juízes ímpios, antes, devia a própria Igreja julgar as questões entre os membros dela.

Veja o que ele disse: *“Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja. Para vergonha, vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? Mas irão o irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos!”* (1ª Coríntios 6.4-6).

A questão é: Quem é que tem autoridade para julgar? É óbvio que se um crente tem uma questão contra um incrédulo ele deve levar o julgamento diante de juízes da justiça comum. Isto é necessário porque o incrédulo não aceita a justiça divina. Com a decisão da justiça comum a causa termina.

Se for um incrédulo que tem uma causa contra um crente ou um crente que tem uma causa contra outro crente, esse julgamento deve ser feito pela Igreja. Os juízes desses casos devem ser homens que temem a Deus e se baseiam em Sua lei. O crente que causou prejuízo ao incrédulo deve ser levado pela Igreja a ressarcir-lo ou a se retratar imediatamente.

O direito do incrédulo deve ser reconhecido e se o julgamento tiver sido justo, como se deve, o incrédulo passará a respeitar ainda mais aos cristãos.

Se um crente causou algum dano a outro crente, ele deve ser julgado e condenado a ressarcir-lo. A Igreja tem o dever de ser justa no seu julgamento para que ela não venha a cair no descrédito dos de dentro e também dos de fora, como o Congresso Nacional caiu.

Como dissemos no argumento anterior, existem outras possibilidades de tradução para esse versículo, traduções estas que não trazem problemas para

o conteúdo da mensagem, pelo contrário, melhora o nosso entendimento sobre o versículo. As outras traduções encontradas foram:

“Julgai vós os que estão dentro”. Nessa tradução a interrogação não aparece. O julgamento é tratado como uma cobrança e não como uma pergunta, como na tradução que temos. Mostra que é dever da Igreja julgar-se a si mesma.

Essa tradução mostra que Paulo não perguntou se a Igreja de Corinto fazia o julgamento de seus membros, pelo contrário, ele cobrou dela que se fizessem os julgamentos necessários.

“Não julgais vós os de dentro, ao passo que Deus julga os de fora?” Nessa tradução há a confirmação do nosso argumento anterior, de que não é tarefa da Igreja julgar os de fora, e que a Igreja deve julgar os de dentro. A tarefa de julgar os de dentro é tratada como algo óbvio.

Vimos nos dois argumentos passados que *Não é tarefa da Igreja julgar os incrédulos* e que *Cabe à Igreja a obrigação de julgar a si e a seus membros*. Agora veremos que **O JULGAMENTO NÃO BASTA, É PRECISO APLICAR A PENALIDADE** – *“Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”*.

Fazendo uma pesquisa, retirei do material estudado o seguinte texto: *“A própria razão humana exige a necessidade de julgamento. Sem a certeza de um julgamento terreno e do julgamento final, o primeiro realizado pelas autoridades e o último realizado por um Deus Todo-poderoso e perfeitamente justo, os homens estariam entregues à sua degradação moral e caminhariam para sua destruição final iminente”*.

Se o julgamento for realizado e a pena não for aplicada com rigor sobre o culpado ele nunca se corrigirá por nunca ser penalizado por seus atos. Hoje os criminosos, tanto no Brasil como em outros países, são julgados, condenados e em pouco tempo libertados. Eles voltam a praticar os mesmos crimes sem temor algum, pois confiam na flacidez da justiça.

A certeza da condenação inibe a criminalidade. Não queremos defender que a dureza da justiça vai acabar com os crimes. Sabemos que o criminoso é levado a praticar crimes por causa do seu coração corrompido porque ele é escravo de Satanás. Ele sempre vai procurar formas de tentar enganar a justiça. Porém, se a justiça for dura e aplicar com rigor as penas decididas nos julgamentos os criminosos terão mais receio de cometer os crimes e com isso

diminuirão as suas atividades criminosas. Eles passarão a temer a justiça se souberem que se forem pegos na prática de crimes o seu erro não ficará impune.

A dureza da justiça, associada a uma correta aplicação da penalidade fará com que os criminosos repensem sua carreira de crime. Um ditado popular diz: *“O crime não compensa”*. Infelizmente a flacidez da justiça atual tem feito o crime compensar, pois os criminosos roubam, ficam com o fruto do roubo e logo são libertados para usufruir dos frutos de seu crime. O crime só não compensa quando a justiça lhe garante a devida punição.

Lendo a Bíblia veremos que Deus aplica a penalidade logo após fazer o julgamento. Adão foi imediatamente expulso do paraíso; Caim ficou marcado por toda a sua vida como criminoso; os moradores de Babel tiveram sua língua confundida; o dilúvio matou toda aquela geração de pecadores; Faraó pagou caro por sua arrogância; os pecadores, moradores da terra de Canaã, foram expulsos de suas terras por causa do seu pecado; o rei Uzias ficou imediatamente leproso por tomar o lugar dos sacerdotes; a praga matou milhares dos israelitas no deserto por causa da sua murmuração; Jesus teve a morte mais humilhante da história por causa da dura aplicação da justiça de Deus.

Se o julgamento foi feito, o castigo logo virá. Nessas e noutras inúmeras manifestações da justiça de Deus nós podemos ver claramente que todas as vezes que Deus condenou ele aplicou a pena imediatamente.

Do mesmo modo Deus exige que a pena seja imposta pela Igreja. Em Deuteronômio 17.7, Deus ordenou ao seu povo que: *“A mão das testemunhas será a primeira contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo; assim, eliminará o mal do meio de ti”*.

O mal é eliminado com a punição exemplar do culpado. Uma vez tendo sido julgado e condenado os israelitas tinham o dever de levar à morte pública o faltoso. No caso da igreja atual não nos é permitido punir o pecado com a morte porque o próprio Jesus Cristo já morreu em nosso lugar, porém não podemos deixar o cristão infrator sem a devida punição de seu erro. Isso levaria a uma lassidão moral e a Igreja do Senhor cairia em descrédito.

Paulo ensina que ao disciplinar um crente faltoso essa punição deve ser pública, aos olhos de todos, para que os demais tenham passado pela mesma situação e busquem viver dignamente, como se deve.

Quando Cristo ascendeu ao céu a Igreja passou a vender os seus bens e depositar aos pés dos apóstolos. Um casal, Ananias e Safira, de comum acordo, resolveu mentir para os apóstolos e entregar apenas parte do valor da venda como sendo ela o valor total. Eles erraram. Ninguém lhes cobrava que dessem valor algum aos apóstolos. Eles poderiam entregar a parte que decidiram doar e dizer que era apenas uma parte e nada lhes aconteceria. Porém eles trilharam um caminho errado. Preferiram a mentira e foram punidos imediatamente.

Em Atos 5.9, Pedro diz a Safira: *“Porque entraste em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão. No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e morreu”*. Veja nesse texto a necessidade e a urgência da aplicação da pena sobre o faltoso. A Igreja nascente não poderia aprender a mentir, pois isso a levaria à ruína. A penalidade foi imposta imediatamente após o julgamento.

Estamos dizendo que *Não basta o julgamento, é preciso aplicar a penalidade*. Isto fica claro ao ver as palavras de Paulo: *“Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”*.

Primeiro ele diz que a Igreja não deve se preocupar com a vida dos incrédulos. Se o seu vizinho que não é crente comete adultério, não se preocupe em julgá-lo; se alguém foi desonesto, não o julgue; se alguém mentir, fofocar, enganar... Não os julgue. Não cabe a você julgá-los. Se tiver oportunidade pregue o evangelho a eles para que se convertam, pois sem a conversão suas palavras de julgamento lhes serão inúteis. Deixe que *“Os de fora, porém, Deus os julgará”*. Se for um crente cabe a Igreja julgá-lo.

Atos 17.31, diz que o julgamento de Deus já está marcado. Não é necessário que nos preocupemos e nos sintamos incomodados com o pecado dos incrédulos, pois Deus trará o merecido julgamento para eles. O texto citado diz: *“Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos”*.

Muitas vezes nos parece que os ímpios passarão pela vida sem que nada lhes aconteça, porém isso não é verdade, pois Deus não permitirá que isso aconteça. Um dia o julgamento deles virá!

Logo depois de dizer que o julgamento dos incrédulos pertence a Deus ele diz: *“Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”*, ou como noutra tradução: *“Removei o iníquo de entre vós”*. A igreja de Corinto tinha de tomar uma decisão imediata. Eles tinham de expulsar da Igreja a pessoa que estava ofendendo a Deus. Deus não toleraria um pecador entre o povo santo. Sua Igreja estava sendo manchada e Deus exigia a imediata aplicação da penalidade sobre o infrator da lei do Senhor.

Qualquer tentativa de protecionismo da Igreja em relação ao pecador, seja ele rico ou pobre, homem ou mulher, de família importante ou humilde, será sempre vista por Deus como um ato de rebeldia contra Sua lei. Sobre qualquer pessoa a penalidade deve ser aplicada imediatamente. Essa é a vontade de Deus.

Irmãos, tratamos sobre: **“JULGAMENTOS”**.

Vimos três argumentos em favor de julgamentos e sobre a tarefa de julgar da Igreja. Foram eles:

- **NÃO É TAREFA DA IGREJA JULGAR INCRÉDULOS** – *“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Os de fora, porém, Deus os julgará”*.
- **É TAREFA DA IGREJA JULGAR A SI MESMA E AOS SEUS MEMBROS** - Não julgais vós os de dentro?
- **O JULGAMENTO NÃO BASTA, É PRECISO APLICAR A PENALIDADE** – *“Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”*.

Creio que é muito importante não fazer parte de um julgamento como réu. Ser julgado é sempre desagradável e vergonhoso. Sendo assim, é bom que o cristão cuide de sua vida espiritual para que não seja necessário que também passe por um julgamento.

Julga-te, se é que você quer ter o direito de julgar ao teu próximo, pois quem não se julga não pode julgar a ninguém.